



Revista de Saúde

AMATO LUSITANO

Neste Número:

SIMPOSIUM CIRÚRGICO 96.
PATOLOGIA HEPATO-BILIAR
V CONGRESSO NACIONAL DE
HIDATODOLOGIA

AMATO LUSITANO - CENTÚRIAS

- Cura XVIII - Em que se trata de um estranho, mas verdadeiro, caso em que uma mulher ficou prenhe de outra...

ARTIGO ORIGINAL

- Nutrientes Imunomoduladores: Uma Perspectiva II
- Enfarte Agudo do Miocárdio num Hospital Distrital. Importância da terapêutica fibrinolítica.
- Violência física na literatura popular do sul da Beira Interior.

ARTIGO DE REVISÃO

- Clonagem molecular e análise do VHG.
- Estudo das estirpes de quisto hidático existentes em Portugal: onde estamos nós?

ARTIGO DE OPINIÃO

- Bioética: uma proposta global.
- Biotecnologia.



VIOLÊNCIA FÍSICA NA LITERATURA POPULAR DO SUL DA BEIRA INTERIOR

FRANCISCO HENRIQUES¹, JOÃO CARLOS CANINAS²

RESUMO: Os autores, através da análise da literatura popular (contos e poesia) recolhida no sul da Beira Interior, apresentam, ao longo do trabalho, algumas das principais características da violência física, seus protagonistas e as motivações dos agressores.

Palavras Chave: Violência física, literatura popular, masculino e feminino.

ABSTRACT: The authors, through an analysis of popular literature (stories and poetry), collected in the south of the Beira Interior, present, all through the study, some principal characteristics of physical violence, its protagonism and the motivation of the aggressors.

Key-words: Physical violence; popular literature; male and female

INTRODUÇÃO

1 - O homem é um animal predador e como qualquer outro predador é violento.

A violência está "inscrita nos genes". É algo do cérebro neo-reptiliano que se manifesta sob a forma de pulsão. Neste sentido a conduta agressiva tem sido entendida como uma reacção inata desencadeada por estímulos situacionais. Os defensores desta perspectiva, entendem que a agressividade é uma expressão do campo biológico, ao qual está intrinsecamente ligada, e surge "como meio de assegurar a subsistência" (Leroi-Gourhan, cit. in Clastres, 1980:16).

Outros autores defendem que o homem não nasce violento, é a sociedade que o torna violento. A agressividade do ser humano remontaria, segundo Freud, à época da resolução do complexo de Édipo e seria como que uma resposta à frustração causada pela vida social e suas necessidades. A agressividade pode, então, ser entendida como uma expressão do social. Deste modo, para Lévi-Strauss "a guerra primitiva é uma actividade de ordem estritamente sociológica... As trocas comerciais representam guerras potenciais pacificamente resolvidas, e as guerras são a consequência de transacções infelizes" (Lévi-Strauss, cit. in Clastres, 1980:23).

É interminável o confronto entre natureza e cultura.

1 - Enfermeiro do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do HAL, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo e da Associação de Formação e Investigação em Saúde Mental.

2 - Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo

Não existe uma definição global e consensual de violência, ainda que a ideia de força excessiva perturbadora da ordem social esteja subjacente aos vários conceitos. É também este o conceito operativo que utilizaremos neste trabalho.

Dos três principais grupos de violência - física, económica e simbólica -, segundo uma das várias tipologias possíveis, trataremos unicamente da primeira, apesar de as restantes estarem intrinsecamente ligadas e permanentemente presentes.

A violência física tem a ver com a conduta humana e tem por objectivo a lesão ou a destruição do objecto referenciado (pessoa, propriedade). É indispensável, numa interacção violenta, ter-se em conta a intencionalidade dos sujeitos. Isto é, se o autor da agressão quis, ou não, molestar a vítima sobre qualquer forma e, inversamente, se o agredido considerou o acto de que foi alvo como uma agressão. Deste modo, para uma melhor compreensão do acto agressivo, o investigador precisa de conhecer o contexto em que este se insere e os valores culturais dos intervenientes.

Utilizámos até aqui os termos violência e agressividade de modo indistinto, tal como o fazem muitos autores. Neste trabalho iremos continuar a fazê-lo ainda que violência e agressividade não sejam propriamente sinónimos. Segundo Stepke (1995) deve distinguir-se agressão de violência em virtude da existência de condutas agressivas não violentas e vice-versa. O desporto e alguns jogos

comportam condutas violentas mas não agressivas, por não haver finalidade de dano.

Assim, segundo o mesmo autor, uma conduta é agressiva quando visa danificar ou destruir o receptor. A agressividade é um termo que se emprega "para indicar um estado "interno" de ira u hostilidad, una conducta de agresión y un conjunto de cambios en la fisiología del organismo" (Stepke, 1995:47). A violência é uma "cualificación de actos, situaciones y procesos: desmesurados o inapropiados. No supone transitividad agente-receptor y puede coincidir o no con comportamientos agresivos" (Stepke, 1995:47).

Há hoje mais ou menos violência que no passado? A resposta não é fácil por falta de consenso. Defendem uns, e nós comungamos dessa opinião, que a sociedade actual é menos violenta que no passado. O espectro da legitimidade para uma interacção violenta tem vindo lenta mas progressivamente a diminuir com o passar do tempo. Casos que no passado seriam ignorados, ou ficariam ao nível das autoridades locais, têm agora honras de manchete nos meios de comunicação social.

Cientificamente não é uma atitude correcta pegar nos valores das sociedades do passado e vertê-los nos cadinhos dos valores de hoje. Aceitamos, entretanto, que na época em que se desenrolaram tenham já sido considerados violentos, de outro modo não seriam registados na memória colectiva e perdurado até à actualidade.

2 - Não cabe no âmbito deste trabalho definir literatura popular, porque não é fácil e teria que ser alvo de alguma discussão, nem analisar, do ponto de vista literário, os textos seleccionados. Por isso utilizamos o material já publicado em monografias locais sob a designação de contos ou poesia popular. Utilizamos o material que é campo quase exclusivo dos etnólogos.

Na nossa perspectiva a literatura popular é uma criação anónima, transmitida oralmente de geração em geração e que em determinado momento foi passada à escrita.

Os contos e a poesia popular são anónimos, como já dissemos, e tanto uns como os outros têm funções lúdicas e de socialização. Os contos eram preferencialmente contados sob telha. A poesia, ao invés, era especialmente utilizada ao ar livre porque surgia associada ao canto e este às actividades mais diversas (trabalho, festas, percursos). Estas criações eram usadas por qualquer dos sexos em qualquer das suas múltiplas funções.

Nos contos e na poesia o cenário e as vivências dos personagens são as da vida diária das sociedades rurais. Há como que uma transposição das realidades sociais, culturais e ambientais para a literatura popular. A lógica da vida é recriada na lógica destas criações.

No confronto homem / mulher, a nível geral, o homem surge como um interveniente social

pouco preponderante atingindo, muitas vezes, a ingenuidade. Os padres, quando personagens activas, acabam quase sempre vexados pela sua conduta anti-estatutária.

A mensagem a realçar nestas formas de literatura popular vem quase sempre expressa de modo bem inteligível.

A oralidade é outra característica importante destas manifestações de cultura popular; os contos e a poesia não foram concebidos para a escrita. A sua perpetuação fazia-se pela memorização e em virtude desta característica cada indivíduo podia, consciente ou inconscientemente, introduzir alterações à versão ouvida.

Do ponto de vista temático são de uma riqueza extraordinária. São testemunhos únicos de vivências e conceitos que abarcam todo o espectro da vida social.

3 - Este trabalho foi realizado em Abril de 1994. Em Junho de 1997 foi revista e melhorada a revisão bibliográfica.

METODOLOGIA

1 - Sendo a violência uma constante na interacção humana iremos observar como ela se manifesta na literatura oral. Especificando melhor, trabalharemos a violência física patente na poesia e nos contos populares recolhidos no sul da Beira Interior (concelhos de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Proença-a-Nova e Idanha-a-Nova). A distribuição geográfica destas criações pode alargar-se a outras regiões do país não se confinando aos quatro concelhos mencionados.

Neste trabalho levantamos três questões às quais procuraremos dar resposta. São elas:

* Como se manifesta a violência física na literatura popular desta área?

* Quais são os protagonistas mais importantes?

* Quais são as suas principais motivações?

2 - Para a concretização dos objectivos anteriores utilizámos as monografias da região indicada e material inédito por nós recolhido.

As monografias são muito desiguais entre si e só um escasso número forneceu material adequado aos critérios traçados.

Para seleccionar o material que serviu de base a esta abordagem relemos mais de três centenas de contos, histórias ou lendas e mais de duas mil estrofes. O universo da recolha parece-nos representativo.

Não foram incluídas no presente trabalho as fábulas, as situações em que um (ou ambos) dos parceiros (agressor ou agredido) é um ser sobrenatural (bruxa, demónio, lobisomem) ou ainda as situações de auto-agressão (suicídio). Quando obtivemos mais que uma versão do mesmo conto ou

estrofe optámos por incluir apenas uma delas, a que considerámos mais completa.

A violência física está ausente no grupo de quadras populares que poderíamos designar de soltas. Provavelmente pelo tamanho da quadra - em quatro curtos versos é difícil registar uma situação violenta - e pelo facto da quadra solta quase sempre cantar a alegria e não uma situação dramática.

3 - Depois de seleccionarmos as monografias locais, relemos toda a poesia e contos nelas incluídos. Fotocopiámos, por uma questão de facilidade de trabalho, os textos seleccionados.

Depois, elaborámos uma ficha individual esquemática, de cada conto ou poema, onde indicámos: fonte; página; tipo de texto (poesia ou prosa); tipo de acção violenta; elementos de identificação do agressor (sexo, parentesco com o agredido, profissão ou posição social); elementos de identificação do agredido (sexo, parentesco com o agredido, profissão ou posição social); meio ou instrumento utilizado para a consumação do acto violento; motivação e observações. Procurámos as recorrências e finalmente fizemos o tratamento e a análise dos dados de forma sintética.

VIOLÊNCIA FÍSICA NA LITERATURA POPULAR RECOLHIDA NO SUL DA BEIRA INTERIOR

1 - Para este trabalho valorizámos o conteúdo da mensagem e não o seu aspecto formal. Foram seleccionadas 21 textos em poesia e 13 em prosa. Para esta diferença muito contribuiu o número de romances medievais, registados sob forma poética.

Nos 34 textos seleccionados analisámos 35 actos violentos. Um dos textos foi duplamente contado por nele se inscrever um duplo crime.

Relativamente ao tipo de agressão temos a distribuição que se indica no quadro 1.

QUADRO 1

Tipo de agressões observadas

Tipo de agressão	Nº de casos	%
Tentativa ou ameaça de morte	2	6
Agressões várias	8	23
Morte	25	71
Total	35	100

A maioria dos autores que tratam a temática da violência, resultante da interacção entre humanos, dão, do ponto de vista estatístico e de análise sociológica, tanta importância à agressão como à ameaça de agressão.

Ainda que possam contabilizar-se, sem risco, as ameaças explícitas as ameaças implícitas têm, quase sempre, um forte cariz subjectivo e são de muito difícil contabilização. No caso específico, pela baixa percentagem, a ameaça / tentativa de assassino é pouco significativa.

Em agressões várias incluem-se, principalmente, dois tipos de acções: o confronto físico, em sete situações, e o apedrejamento numa outra situação. É curioso observar que em quatro delas há o envolvimento de padres no papel de vítimas, sempre por assédio sexual. O padre não é morto por este tipo de crime. Dão-lhe, na pior das hipóteses, "uma mão de ensino". Parece que nestes casos a honra dos homens atingidos não é manchada. Que motivos levam à desculpabilização do padre? É por não ter mulher? Paga bem os serviços? Ou é pela posição social que ocupa na comunidade?

Pensamos que no quotidiano a percentagem de 23% de agressões várias, inscrita no quadro, não reflecte a realidade, ainda que estejamos a tratar de um passado sempre difícil de marcar no tempo.

As gentes do nosso passado preferiram registar situações excepcionais, como é o caso das mortes violentas, em detrimento de situações vividas por todos no quotidiano (violações, confrontos físicos, e outras), tal como ainda hoje acontece. O quotidiano é valorizado pelo que tem de imprevisto e de excepcional, como por exemplo a morte.

A morte, com 25 casos, representa 71% do total dos actos violentos. Estes números parecem confirmar o que dissemos no trabalho "Poesia Popular dos Cortelhães e dos Plingacheiros" (Henriques e Caninas, 1991:12) nomeadamente que: "... A morte é dos temas de eleição da poesia popular desta área. Não a morte como desfecho de uma longa vida ou doença. Mas a morte premeditada ou inesperada.

O impacto social de uma morte é directamente proporcional ao seu carácter incomum,

ao inesperado da situação e à violência física ou moral usada para o efeito".

A maior parte dos 25 mortos, aqui registados, são adultos jovens.

2 - Neste ponto tentaremos observar o papel e a importância do agressor nos actos violentos que constam dos textos em análise. Nas fontes não é difícil determinar o agressor, ele é directamente apontado nos textos como um dos protagonistas da interacção violenta.

Vejamos o quadro 2 onde se indica a divisão dos agressores por sexos.

QUADRO 2
Divisão dos agressores por sexos

Agressor	Nº de casos	%
Masculino	29	83
Feminino	4	11
Indeterminado	2	6
Total	35	100

Numa leitura imediata observamos o papel predominante do homem na relação violenta. Esta prevalência do sexo masculino sobre o feminino pode ser justificada pela superior força física dos homens e sobretudo pela diferença das posições sociais que cada um dos sexos ocupava na sociedade.

O homem, nas comunidades rurais desta região, não era considerado suficientemente macho se não demonstrasse, através da força física, a autoridade sobre a mulher. Parece-nos que o homem agride para marcar a sua posição de chefia no interior do grupo. Na nossa sociedade o homem surgia como o proprietário da mulher, logo, sentia-se no direito de assassinar um outro homem que lhe invadisse essa propriedade, reminiscências do antigo direito *pater familias*.

Em duas das quatro situações em que a mulher ocupa o papel de agressora as vítimas são crianças. Continua a força e o "direito" a legitimar a agressão (uma mãe pode bater no filho ou uma madrasta pode bater no filho do marido). Anica (1996) refere a raridade dos infanticídios, na primeira metade do século passado, sendo quase exclusivamente praticados pelas mães. A violência feminina, pelo menos nesta área, é essencialmente verbal e simbólica. É uma violência indirecta, psicológica. É uma versão suave da violência masculina que é essencialmente directa, física, palpável. Quando assim não é, a vingança está quase sempre subjacente. A mulher quando mata é por motivos amorosos, para defender a honra do marido e por problemas psíquicos!?

Ainda segundo Anica (1996) o que primeiramente distingue a violência feminina da masculina é a desproporção da segunda sobre a primeira, fenómeno também observável na nossa análise (quadro 2).

Nalguns textos pudemos observar uma clara prepotência de quem manda no exercício do papel de agressor ou, por outras palavras, uma conduta autoritária de mando. Esta violência, em termos

antropológicos, pode ser designada de agressão instrumental. O agressor, nestes casos, ocupa uma posição social de destaque quer no interior da comunidade (reis, príncipes, condes), quer no interior da família (marido, pai).

A agressão instrumental, no dizer de Flores (1991) não tem intenção de causar dano mas é uma técnica que visa obter os objectivos do agressor.

Em 50% das interacções violentas o agressor é elemento da própria família. O marido ocupa a primazia com 23% das situações, seguido do pai com 9%, o namorado(a), o irmão, a mãe e o compadre são também mencionados. A violência doméstica é um fenómeno que existe desde tempos imemoriais e está ligada ao exercício do poder; na década de 70 foi reconhecida como problema social.

Nas fontes usadas está bem patente o velho costume que permitia ao marido / pai castigar os elementos do seu agregado familiar (esposa, filhos).

No dizer de Grosman (1995:56): "la violencia doméstica está vinculada con estructuras e ideologías autoritarias basadas, generalmente, sobre diferencias jerárquicas, por género y edad que conforman relaciones de dominación / subordinación".

Num inquérito levado a cabo na década de 80 em Portugal (Silva, 1991), focando a violência interconjugal, observa-se fenómeno idêntico. O homem continua a surgir quase unicamente como agressor.

É como diz Bandarra (1991): "Por cá a violência doméstica ainda é descarada, quase para vizinho ver. As mulheres portuguesas são muito fortes...vão a baixo, vêm a cima...às vezes pensam que é uma fatalidade...Já a minha mãe apanhava... e têm força de reagir...".

Lynda Carpenito (1997:125) questiona "porque não fogem as vítimas?" e responde "porque as pessoas que ficam atribuem a responsabilidade da violência a si mesmas e não ao agressor ou à sociedade em geral".

Na sociedade tradicional, este tipo de violência era relativamente tolerada. Havia o direito do homem bater na mulher. Estamos perante grupos sociais que já institucionalizaram a violência ao contrário das sociedades primitivas que a integravam na sua vida social (actividades guerreiras, rituais e outras). Ainda que nesta região a comunidade tivesse um importante papel na regulação dos conflitos no interior da família.

Nos outros 50% de casos é desconhecida a afinidade familiar entre o agressor e o agredido.

3 - Ao nível da distribuição por sexos há uma acentuada diferença entre o agressor (quadro 2) e o agredido (quadro 3).

Já vimos que no papel de agressor existe uma acentuada predominância do sexo masculino sobre o feminino. No papel de agredido verifica-se uma igualdade entre os sexos (quadro 3).

QUADRO 3
Divisão dos agredidos por sexos

Agredido	Nº de casos	%
Masculino	17	49
Feminino	17	49
Indeterminado	1	2
Total	35	100

Anteriormente tivemos oportunidade de identificar os agredidos do sexo feminino (esposa, filha, namorada, irmã). Para três dos 17 casos de agredidos, do sexo masculino, não temos especificação, para além do sexo, quanto ao estatuto ou escalão etário. Quanto ao grupo etário dos 14 restantes há nove adultos e cinco crianças. Quatro dos adultos já vimos que são padres.

Relativamente aos elementos femininos temos, também, três mulheres cujo estatuto social e grupo etário é desconhecido. As restantes 14 situações são todas de mulheres adultas (maduras sexualmente) e entre elas há quatro elementos que integram a nobreza. A mulher perante a reacção violenta do homem, ainda nos nossos dias, tende a ter uma reacção submissa mesmo que lhe pareça ter a razão do seu lado. É o "carácter fatalista" de que fala Silva (1991).

Chamamos a atenção para o facto de não existirem nobres, do sexo masculino, no grupo dos agredidos; concentram-se no grupo dos agressores.

Trataremos mais à frente as motivações da agressão mas podemos já constatar que a elevada percentagem de actos violentos sobre a mulher tem a sua origem na posse e no uso do seu corpo.

4 - Nesta alínea observaremos o modo ou o instrumento utilizado para a consumação do acto violento. E, se não tivéssemos em conta outros indicadores, este poderia ser utilizado para identificar a antiguidade das nossas fontes. Por exemplo, o lançamento de mulheres adúlteras sobre abismos parece ter sido uma prática comum nos séculos VIII e IX.

Vejamos, entretanto, o quadro 4 onde são inventariados os meios ou os instrumentos utilizados na consumação do acto violento e o sexo dos seus utilizadores e das vítimas.

QUADRO 4
Meios e instrumentos utilizados para a consumação do acto violento

Do agressor		Meio/instrumento utilizado	Nº de casos	Do agredido	
homem	mulher			homem	mulher
4		Degolação	4	1	3
4	1	Espada, faca ou punhal	5	?	3
3		Tiro	3	2	1
2		Enxada	2	2	
2		Moca, pau	2	1	1
2		Fogueira	2	1	1
1		Apedrejamento	1	1	
	1	Tesoura	1	1	
1		Lançamento sobre o abismo	1		1
1		Correia	1	1	
1		Privação de água	1		1
10	2	Indeterminado	12		

O meio ou o instrumento utilizado pelo agressor pode relacionar-se com o tipo de transgressão cometida pelo agredido porque, algumas vezes, a sociedade impõe tipos específicos de penas, noutros casos a escolha depende do tipo de instrumento mais disponível.

Se tivermos em conta que o degolamento só se executa através de espada, faca, punhal ou instrumentos similares temos, então, no quadro 4 um conjunto de nove situações em que estes instrumentos são utilizados. Do ponto de vista simbólico todos estes instrumentos são masculinos. Perante isto podemos concluir que a mulher é agredida, maioritariamente, com instrumentos que fazem parte da simbologia masculina (faca, espada, punhal).

A generalidade dos homens desta região, até há poucas décadas atrás, andavam armados de uma "boa navalha".

Todo o homem tinha a sua "boa navalha" que utilizava durante a refeição, para atacar, para se defender, para preparação de outras armas e outros fins. Acresce que o ideal de qualquer criança, do sexo masculino, era possuir uma navalha. A posse deste instrumento dava-lhe um estatuto de superioridade em relação aos outros. Equiparava-o aos adultos masculinos.

Por tudo isto não parece estranho que sejam a espada, o punhal ou a faca os instrumentos de agressão mais utilizados.

O pau (cajado) e a moca eram instrumentos mais utilizados pelos viajantes. Bastava qualquer

homem deslocar-se a uma aldeia vizinha, durante a noite, para preparar um cajado para o percurso.

A enxada é outro instrumento que continua a ser utilizado pelas populações rurais para ataque ou defesa durante conflitos no campo. Estes conflitos têm quase sempre subjacentes questões de águas e deslocações abusivas de marcos de divisão de propriedade.

O apedrejamento e a utilização da correia são meios utilizados pelo agressor não tanto com a intenção de matar mas de humilhar socialmente.

A leitura do quadro 4 vem confirmar os resultados encontrados por Anica (1996). Diz a investigadora: "A violência feminina distingue-se, ainda, por ser percentualmente menos armada do que a masculina e por se utilizarem predominantemente armas de circunstância, isto é, objectos desviados das suas funções habituais" (Anica, 1996:28). No nosso trabalho, e nestas condições, constatámos a utilização de uma tesoura como instrumento da agressão. A tesoura, nesta região, é uma arma frequentemente utilizada pela mulher.

5 - Pela multiplicidade das motivações que geraram as agressões no sexo masculino e no sexo feminino não é fácil sistematizá-las. No entanto, parece-nos aconselhável expor as motivações da agressão para um e outro sexo. Conforme pudemos averiguar no quadro 3 numa das situações não é referenciado o sexo.

QUADRO 5
Motivação da violência sobre o sexo feminino

Motivação	Nº de casos
Prática sexual desejada, por parte do agressor e não consumada	3
Por ter amantes	3
O rapaz com quem a rapariga namorou não aceitou que o pai dela a casasse com outro rapaz	2
O homem chegou a casa e não tinha que comer ou a comida não estava pronta.	2
Adultério	2
Amores contrariados	1
Gravidez enquanto solteira	1
Ordem real de matar uma mulher casada para que a filha do rei possa casar com o viúvo	1
Maltratos ao irmão do agressor	1
Desconhecida	1
Total	17

QUADRO 6
Motivação da violência sobre o sexo masculino

Motivação	Nº de casos
Por ter amantes	3
Assédio sexual ou afectivo a uma mulher	3
Desconhecida	3
Por causa de um harmónio	1
Roubo de um bolso de perras	1
Por burla anterior ao agressor	1
Por ter morto um pavão	1
Por o padre o desejar violar	1
Por ter assassinado uma criança	1
Por intriga e desejo de determinada mulher	1
Por não conseguir favores sexuais ou afectivos	1
Total	17

Em resumo, temos então a seguinte distribuição: por questões relacionadas com a posse e uso do corpo / afectividade / sexualidade temos 22 situações, sendo 13 delas relativas ao sexo feminino; por não ter cumprido os deveres de mulher no lar há referências a duas situações; por questões sociais várias há menção a seis casos pertencendo cinco ao sexo masculino; as restantes quatro situações são desconhecidas.

Como se observou o maior número de motivações estão relacionadas com a posse e o uso do corpo, a afectividade e a sexualidade feminina. Ainda hoje, Ana Vicente, da Comissão da Condição Feminina defende que "os crimes ligados ao sexual têm uma importância muito grande na nossa cultura" (Público, 6.12.1991).

Pensamos que, em muitas destas circunstâncias, estamos perante um tipo de agressão competitiva. E, neste tipo de agressão, um dos estímulos mais importantes é a presença de um outro macho (concorrente) que pode ser atacado sempre que esteja em causa uma fêmea. A competição pela fêmea foi, e continua a sê-lo, um dos mais importantes componentes da vida social.

Relembramos que do ponto de vista do Direito esteve em vigor até 1974 o Artigo 372º do Código Penal de 1886, que enunciava que todo o homem que matasse a mulher em flagrante delito de adultério seria condenado a uma pena de seis meses de prisão ou de desterro para fora do concelho de residência durante igual período de tempo.

Ser violento para com a mulher era algo que estava plenamente de acordo com a ideologia familiar.

CONCLUSÕES

1 - Após a leitura de alguns milhares de textos em prosa e em poesia somos levados a concluir que a violência física não é uma temática dominante da tradição oral do sul da Beira Interior.

2 - Ainda que as sociedades sejam marcadamente violentas apenas passam para o imaginário popular, sendo posteriormente transcritas, as situações que mais marcaram as consciências da época.

3 - A violência física é essencialmente protagonizada pelo homem sobre indivíduos do mesmo sexo ou de sexo contrário.

4 - Cerca de 80% das manifestações violentas registadas no imaginário popular terminaram na morte do agredido.

5 - Ao nível das motivações um número superior a 60% dos casos registados tinha como causa próxima a posse e o uso do corpo por qualquer um dos sexos (afectividade / sexualidade).

6 - Ao nível da violência, no seio da instituição familiar, parece não ter havido grandes alterações de costumes desde há alguns séculos a esta parte. Pela sua atitude submissa a mulher continua no presente, tal como no passado, a ser quase sempre a vítima.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ANICA, Auziria, (1996). A Violência Feminina no Quotidiano, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Arquivos da Memória, nº1, Lisboa, p.23-40.

- BANDARRA, Victor, (1991), A Violência dos Brandos, Público, nº 642 de 6.12.91.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, (1984), Monsanto, Etnografia e Linguagem, Editorial Presença, Lisboa.
- CARPENITO, Lynda Juall (1997), Violência Doméstica: Porque é que as Vítimas não Fogem?, Servir, vol.45, nº3, Lisboa, p.125-126.
- CLASTRES, P., GAUCHET, M., ADLER, A. e LIZOT, J., (1980), Guerra, Religião, Poder, Edições 70, Lisboa.
- CUTILEIRO, José, (1988), Honra, Vergonha e Amigos, Honra e Vergonha, edição Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, Lisboa, p.9 -27.
- Dictionnaire de Politique, (1979), Larousse, Paris.
- FOUCAULT, Michel, (1985), História da Sexualidade, Vol. 2, Edições Graal, 3ª edição, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Seomara da Veiga e Maria da Graça Amaral da Costa, (1970), Etnografia de Idanha-a-Velha (Egitânia), Edição da Junta Distrital de Castelo Branco, Coimbra.
- FLORES, T. de, (s/d), La Conducta Agresiva, Introducción a la Psicopatología y la Psiquiatria, Masson-Salvat, p. 260-275,
- GROSMAN, Cecilia e MESTERMAN, Silvia (1995), Maltrato en la Pareja. Maltrato del Menor, Enciclopedia Iberoamericana de Psiquiatria, vol.II, Editorial Medica Panamericana, Madrid, p.52-58.
- HENRIQUES, Francisco e CANINAS, João Carlos (1988), Contos Populares dos Cortelhões e Plingacheiros, Preservação, nº8, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco e CANINAS, João Carlos, (1991), Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros, Preservação, nº12, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco e CANINAS, João Carlos (1995), A Representação da Mulher e do Homem na Poesia Popular do Sul da Beira Interior, Ibn Maruán, nº5, Marvão, p.113-126.
- HENRIQUES, António (1981), Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão, Preservação, nº4, Vila Velha de Ródão.
- HUNTER, David E. e WHITTEN, Phillip (1981), Enciclopedia de Antropologia, Ediciones Bellaterra, Barcelona.
- KORNBLIT, Ana Lia (1995), Violência Familiar, Enciclopedia Iberoamericana de Psiquiatria, vol.II, Editorial Medica Panamericana, Madrid, p.50-52.
- MATOS, António Coimbra de (1997), Génesis, Desenvolvimento e Reprodução da Violência, Servir, vol.45, nº3, Lisboa, p.118-121.
- MOURA, José Carlos Duarte, (1992), Contos Mitos e Lendas da Beira, Castelo Branco.
- OLIVEIRA, Guilherme (1995), A Criança Maltratada, Interações, nº1, Coimbra, p.55-58.
- PAIS, Elza (1996), Violência(s): Reflexões em Torno de Um Conceito, Interações, nº4, Coimbra, p.25-39.
- SALVADO, António, (1985), A Poesia Popular da Beira Baixa, Adufe, nº2, Castelo Branco, p.25-40.
- STEPKE, Fernando Lolas (1995), Agresividad, Agresión, Violencia, Enciclopedia Iberoamericana de Psiquiatria, vol.II, Editorial Medica Panamericana, Madrid, p.47-50.
- SILVA, Luísa Ferreira, (1991), "O Direito de Bater na Mulher" - Violência Interconjugal na Sociedade Portuguesa, Análise Social, Vol. nºXXVI (2º), Lisboa, p.385-397.
- SOROMENHO, Paulo Caratão, (1965), Lendário Rodanense, Revista de Portugal XXX, Lisboa, p.430-447.
- TARDIFF, Kenneth J. (1992), Violência, Tratado de Psiquiatria, Editora Artes Médicas Sul, Porto Alegre, p.773-787.

Contacto:

Francisco Henriques
Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental
Hospital Amato Lusitano

6000 Castelo Branco